A BATALHA DE ALCACER-KIBIR SEGUNDO O TESTEMUNHO DO MARSELHÊS VINCENT LEBLANC EM 1578

Henrique Gonzalez

Os acontecimentos de Alcácer Kibir, narrados pelo marselhês Vincent Leblanc, começam a ser conhecidos em língua portuguesa após a morte de Oliveira Martins. A tradução ele a fez, e como estudioso que era da História, para melhor elucidar as dúvidas, as afirmativas tão díspares que ocorrem entre os diversos testemunhos, juntou notas preciosas.

Os detalhes fora do texto original valorizaram a obra de Leblanc, identificando-a como documento bastante, pondo-a ao lado dos Clássicos como Jerônimo de Mendonça, na **Jornada da África**; Frei Bernardo da Cruz, na **Cronica del Rei D. Sebastião**; Manoel Leitão de Andrada na **Miscelanea**; e o autor anônimo da **Jornada del Rei D. Sebastião**; todos contemporâneos dessa catástrofe sem precedentes, que repercutiu, de maneira violenta na **História de Portugal**.

A obra tem o título em francês: **As viagens famosas de Monsieur Vincent Leblanc, que viajou desde a idade de doze até sessenta anos às quatro partes do mundo, redigidas fielmente sobre suas Memórias por Pierre Bergeron, Parisiense** (1).

A 1a. edição é de 1649. A 2a. de 1658.

Toda estória de Alcácer-Kibir começa no momento em que **Mulei Abde Amélique** — o Moluco — apossa-se pela força do Sultanato de Marrocos que estava nas mãos do sobrinho **Moâmede el Abde**, mais conhecido pelo nome de **O Negro**. Em 1571 **Abde Amélique** havia tomado parte na célebre batalha de **Lepanto**, na qual ficou cativo **Cervantes**, autor de **D. Quixote** (2).

Nessa época Argel dependia do sultão de Constantinopla e como **Amélique** regressava da Turquia, o **Rei** do vizinho país — Argel — forne-

ceu-lhe homens à vontade, que reforçaram as tropas por ele organizadas para um assalto vitorioso. Dessa maneira pôde investir contra o sobrinho **Moâmede** e tomar-lhe o Sultanato, herdado de seu pai, o Sultão **Abdala**.

Moâmede fugiu para o arquipélago das Canárias. Depois de recuperar-se dirigiu-se a Felipe IV de Espanha pedindo-lhe que o ajudasse a fim de reconquistar seu trono no Marrocos.

Como o monarca espanhol não acedesse ao convite do jovem deposto, recorreu ao sobrinho de Felipe, D. Sebastião, rei de Portugal.

Muito moço este, inexperiente, na casa dos vinte e cinco anos de idade, confiante no valor dos mercenários alemães, italianos e espanhóis, menosprezou a tática do Sultão mouro, resolvendo com dezoito mil homens enfrentar sessenta mil, pensando que aquela gente ainda era a mesma do tempo de D. Henrique, só possuindo lanças e nada mais.

Apresentou-se no campo inimigo trazendo respeitável acompanhamento, segundo o autor da **Jornada da África**, Jerônimo de Mendonça, cerca de **nove mil portugueses; três mil alemães; dois mil castelhanos; seis mil italianos; mil e quinhentos aventureiros portugueses, pessoas nobres e mais fidalgos ilustres**, ao todo vinte e um mil e quinhentos homens. Só prisioneiros ficaram mais de oitocentas mulheres e duzentas crianças de peito — escreve Leblanc.

O rei parecia um **turista** pelas jóias que ostentava, cavalos ajaezados, tudo com base na crença de que os mouros nada valiam . . .

As forças traziam 4.000 barracas grandes compradas na Alemanha, pistolas alemãs, arma secreta do rei; botões de ouro, as tranças dos chapéus ornadas de rubis; esmeraldas, camafeus; medalhas, **correntes de ouro grossíssimas para o pescoço, de dez ou doze voltas; as couras bordadas de ouro com botões de ouro, cristal, pérolas e demais pedrarias.**

Trouxeram ainda vinte e quatro peças. Os mouros possuíam vinte e quatro canhões, embora alguns afirmem que eram quarenta.

Antes de descrever a batalha, que durou duas horas, abordaremos o aspecto, que não se pode chamar de pitoresco somente, mas também aventureiro, de Vincent Leblanc e seu anfitrião. O último ia assumir a embaixa-

da no Marrocos, nomeado pelo rei D. Henrique III de França.

A maneira, pois, como Leblanc tomou parte na Batalha e tornou-se testemunha dos acontecimentos, é muito curiosa.

Ele voltava de uma viagem ao Oriente. Na casa de seu pai, em Marselha, jantava o **embaixador** recém nomeado para o Marrocos. Chamava-se **D. Guilherme**, havia sido barbeiro em Nice. O escritor esqueceu-se de dizer que se tratava de **barbeiro sangrador.**

O barbeiro sangrador, **personagem inconfundível da época**, tinha as funções de **cirurgião**; sangrava — porque a sangria era a mais completa terapêutica daquele tempo; tirava dentes; tinha como bisturi a navalha. Receitava. Era barbeiro . . .

Tendo aparecido **bubões** no sultão **Amélique** e como bubão era o sintoma evidente de peste, o esperto **D. Guilherme** curou-o, talvez a poder de navalha. É provável que fosse outra doença, até mesmo venérea, pois não é possível ter sido a **bubônica**, de prognóstico sombrio (3).

O fato é que essa cura teria trazido consigo a confiança, a amizade e por isso não é muito errado admitir-se que na eminência em que estava o sultão, viesse a solicitar ao rei de França que nomeasse embaixador aquele homem que o curara. Assim partiu de Marselha a comitiva de sua Excelência D. Guilherme, embaixador no Marrocos junto ao sultão Amélique, e o amigo **Vincent Leblanc, filho do hoteleiro**, se é que se pode admitir como **casa de pasto** o local onde o embaixador jantava.

Ao aproximar-se de Gibraltar naufragaram devido alguma corrente marítima e foram presos como piratas pelos espanhóis, conseguindo fugir.

Juntaram-se de novo, a caminho do Marrocos, porém, Leblanc se perdeu da comitiva e foi encontrado no jazigo de um Marabu. Preso como profanador das relíquias santas dos mouros esteve para ser executado.

Aparece em cena o aventureiro corso **Andrieto Gasparo**, amigo do **sultão Abde Amélique** — o Moluco, e também amigo do pai de Leblanc — o que reforça a suspeita de que a casa deste era de pasto. O aventureiro Andrieto Gasparo tinha dois irmãos em Marselha e pôde se comunicar com o progenitor de Leblanc sobre a grave situação do filho (4).

O pai então respondeu que não poupasse dinheiro para soltá-lo.

O difícil era saber para onde se dirigia o Sultão **Amélique. Andrieto Gasparo**, que estava bem a par dos costumes, despachou dois correios em dromedário para lugares diferentes. Um desses **correios** — que muito faz lembrar o dos Incas — embora fossem a pé, encontrou o embaixador D. Guilherme junto com o Sultão Amélique, e o próprio embaixador, pessoalmente, mandou uma ordem ao **Emir de Mequinez** para que soltasse o prisioneiro.

A breve descrição é um resumo das notas e dos vários testemunhos, inclusive o próprio Leblanc, para dar idéia completa de como se processou o doloroso acontecimento. Em seguida resumiremos o texto de Leblanc sobre o assunto.

Às 10 horas da manhã da segunda-feira, 4 de agosto de 1578, feriu-se a Batalha de Alcácer Kibir (5).

Nesse dia os portugueses atravessaram a planície em quadrado.

Formados em crescente os mouros estavam em expectativa.

A distância entre as duas forças inimigas era de um quarto de légua.

Os mouros — escreve Leblanc — dispostos em **semi-círculo** envolviam, já de início, antes de entrar na luta, todo exército português pelos flancos. **A artilharia** composta de vinte e quatro canhões estava oculta num milharal. Sabiam, de antemão, o ponto exato onde os portugueses iam **passar o vau**, na maré vasante.

O Sultão **Amélique** recomendara que atacassem os portugueses e italianos, deixando de **lado os alemães.**

Assim que os invasores atravessaram a pequena margem do Mocazim os mouros **atearam fogo ao feno**, principalmente aos resíduos do **milho seco.**

Foi este o início da **operação** que decidiu o destino do Marrocos.

Inicia-se logo o relato de Leblanc, como testemunho pessoal da bata-

lha, com suas minúcias, com seus erros, com seus informes, que não deixam de tornar-se apreciáveis, por ser de um **observador do outro lado**, embora com **influências facciosas**, enquanto os outros todos, são do lado de D. Sebastião.

Do balanço entre ambos, e do que foi ocultado naquele e aparece neste, o leitor pode estabelecer o equilíbrio dos acontecimentos.

A narrativa de Leblanc é cheia de informações valiosas. Ressente-se, apenas, da falta de unidade. É o seu maior defeito. Desconhecendo-se o texto original não se sabe se as arestas apresentadas são descuidos do autor ou de quem **decalcou** as aventuras.

Começa pondo em destaque a influência de **Moâmede el abde — o Negro**, sobrinho do sultão reinante, sobre D. Sebastião, rei de Portugal.

Afirma que quando o tio, **Mulai Abde Amélique**, teve conhecimento de que numerosos navios haviam chegado a Arzila, Oran, Tânger, e Cerote, **fortaleza cristãs na costa africana**, tomou medidas cautelosas. Apressou os preparativos para a luta que ia desencadear-se. Meditou sobre as possibilidades dos **Alarves**, um tipo mais rústico de mouro, que Leblanc chama de **árabes** (6), passassem para o sobrinho, aderindo à causa portuguesa. Era justamente o que D. Sebastião esperava. Por este pequeno detalhe se pode imaginar a experiência que **Abde Amélique** possuía da guerra: previa tudo com grande antecipação, menos sua morte durante a vitória.

Desarmou os **Alarves**. Tirou-lhes **dezesseis mil cavalos**, inclusive as armas correspondentes, prometendo recompensar-lhes à **vela de Libra**.

Organizou então suas forças, compostas de tantos outros **peões armados de arcabuzes, que se destacavam pelo turbante vermelho**; com essa notável particularidade podia imediatamente identificá-los. Dispôs desse elemento para guarda dos caminhos por onde outros **Alarves** podiam surgir e atacar-lhe a retaguarda.

Reuniu um exército de **sessenta mil homens a cavalo**, e partiu para Alcácer-Kibir acompanhado de seu irmão **Mulei Hamete**.

Morreram na luta mais de doze mil cristãos; muitos ficaram presos,

inclusive oitocentas mulheres e duzentas crianças dos mercenários. Em seguida declara: "estive nessa batalha com sessenta marselhezes, dos quais poucos voltaram. O irmão de Abde Amélique tomou conta do governo porque este morreu durante a intensa luta. Até hoje dura sua dinastia. Vi o cadáver do rei levado num caixão coberto de cal.

O senhor Andrieto Gasparo, de quem já falei, favorito de Hamete, pediu-lhe o cadáver, enviado a Lisboa, onde jaz na igreja de Belém. Em recompensa o rei de Espanha mandou-lhe ricos presentes." Este fato ocorreu de outro modo. A Cronica del Rei D. Sebastião, de Frei Bernardo da Cruz, esclarece. O Cardeal D. Henrique, tio de D. Sebastião, que ficara em seu lugar, e depois da morte do rei reinou dois anos, mandou a Fez o Comissário da Trindade, Frei Roque, resgatar os restos mortais de seu sobrinho. Andrieto Gasparo já havia obtido a dádiva do cadáver de D. Sebastião, de Mulei Hamete, o sobrevivente.

Os despojos estavam em Alcácer para ele transportar à Espanha e entregar ao rei Felipe, com o fito de receber mercês. O sultão, apesar da promessa, resolve fazer entrega ao frade, sem resgate de espécie alguma, pois era costume dos mouros devolver os prisioneiros e mortos por elevadas quantias. Este foi o preço de Jorge de Albuquerque Coelho, filho de Duarte Coelho, pago pelo rei Felipe. Tendo Gasparo perdido o melhor negócio obteve o favor de ser designado para levar os restos mortais, de Alcácer à Ceuta, onde Frei Roque aguardaria; este, porém, suspeitando que Gasparo pudesse alterar tudo para dar o golpe, pediu a um grupo de fidalgos, de volta, que trouxesse a fúnebre encomenda. Eles receberam-na das mãos do Alcaide de Alcácer e conduziram à Ceuta, incorporando Andrieto Gasparo à comitiva, como gesto inteligente de diplomacia.

Leblanc afirma ter ouvido contar a alguns escravos portugueses que era o corpo de um suíço. O rei D. Sebastião havia sido derrubado do cavalo e fugira (7).

Muitos anos depois apareceu um homem que apresentou-se como sendo o próprio rei de Portugal, portador dos mesmos sinais de D. Sebastião. Foi executado como impostor.

Comandava um dos esquadrões D. Álvaro Peres com quinhentos cavalos e mil e duzentos lansquenetes. Este esquadrão se dividiu em dois corpos. Um apoiava o flanco direito, na Ribeira. O flanco esquerdo era guardado pelos lansquenetes envergando couraça e peitoril.

À frente extendiam-se **mil arcabuzeiros**, correspondendo aos nossos **caçadores**. Aqueles deveriam separar-se do corpo do Exército, na ofensiva.

Esperavam que os **alarves**, logo que fossem enfrentados pelos mouros, socorresse-os, como naturalmente **Moâmede** havia prometido a D. Sebastião. Estavam a favor dos portugueses, comandados por **Armabachi**, mas não quiseram arriscar-se. É que sabiam que os caminhos encontravam-se ocupados pelos **turbantes vermelhos**. Ficaram, pois, paralizados, avisando a Solimão, filho de Armabachi, que se manteriam neutros, esperando o momento de se decidirem. Como subalterno, comandava-os **Amete Sarran**, capitão que prometeu obedecer às ordens de **Abde Amélique**, o sultão reinante.

Curco Abraim comandava cinco mil mouros a cavalo. Convidou Sarran a que juntasse suas forças, que ele investiria imediatamente contra o exército de D Sebastião. Sarran respondeu ser temeridade fazer frente a uma expedição bem equipada, munida de canhões.

Nesse dia vieram quatro mouros propôr trégua.

E acrescenta: **foi para mim um prazer visitar o acampamento português, em companhia de um certo Hércules, bombardeiro, e João Sasselo, de Marselha, mas o mal que achamos foi o grande número de mulheres e crianças existentes.**

O senhor D. Álvaro Peres no dia 13 de julho, ao amanhecer, reconheceu as forças de Curco Abraim, composta de cinco mil mouros.

D. Álvaro Peres lançou mão de um recurso hábil e conseguiu atrair ao alcance de suas armas de fogo uma parte dessas forças, fazendo grande morticínio.

Nessa escaramuça, muito distante do dia da batalha, que foi no mês seguinte, dia 4, os mouros tomados de surpresa, foram destroçados e seu comandante caiu morto, com grande glória para D. Álvaro e o Capitão Baliotin, comandante dos lansquenetes.

D. Sebastião — diz Leblanc — assistiu o fim dessa luta acidental com indizível alegria. Abraçou D. Álvaro. **Despregou do seu chapéu um rico rubi engastado num círculo de diamantes e deu ao vitorioso.**

A **Banastrin**, comandante dos **lansquenetes**, e a **Baliotin**, chefe dos arcabuzeiros, deu um rico **diamante**.

O rei mouro (Moâmede) presenteou D. Álvaro com sua **cimitárra de bainha de alto preço:**

Abde Amélique ao ter conhecimento dessa derrota tornou-se triste por **não ter Amete Sarran** corrido em auxílio de **Curco Abraim.**

O grosso das tropas de Amélique se movimentava em terras do litoral quando **D. Guilherme**, o embaixador, lhe chamou atenção: era melhor **cuidar dos alarves**, dos quais cinqüenta mil haviam prometido juntar-se a **Moâmede**, portanto, a D. Sebastião, e atacar imediatamente.

O sultão aceitou o conselho. Avançou sem temor. Devastou tudo a fogo e ferro, e os alarves, atemorizados, prometeram-lhe inteira obediência.

Voltou então **Amélique** ao litoral, **ansioso, enfermo, melancólico, e como não podia montar a cavalo** levaram-no numa liteira.

Aqui, Leblanc faz o elogio de Abde Amélique: **bondoso, cortês, saudando a todos fraternalmente. Com seus inimigos era cruel, justiceiro, sobretudo os que atacavam os regatões, como sucedeu com um rapaz que furtou três tâmaras. Ouvida a queixa do regatão Amélique mandou cortar-lhe três dedos.**

Chegando o dia 4 de agosto apareceu o grande cometa a ameaçar Portugal e o Marrocos (9).

O rei D. Sebastião depois de ter feito suas orações e recebido a bênção do bispo de Coimbra, montou seu cavalo branco, ajaesado de verde com esmaltes, e ouro.

Tinha o rei vinte e cinco anos, aproximadamente. Esbelto, o nariz bem modelado, e o **braço um tanto caído**, passou defronte das tropas, animando-as.

O bispo de Coimbra havia sonhado, na noite anterior, que ele perderia a batalha, como de fato verificou-se; e por isso remeteu todos os seus haveres para Arzila que depois lhe serviram de resgate.

Amélique, nesse mesmo dia, pelas nove horas, saiu da liteira e montou a cavalo, vestindo sua túnica de brocado de ouro com folhagens ricamente bordadas, a cimitárra à cinta, e a cela do cavalo recamada de pedras preciosas. Montado, passou em revista às tropas, animando-as para a batalha. O seu exército marchava em bela formatura, em meia lua. Os pequenos tambores à mourisca, rufavam, os pífanos tocavam com seu som mais estrídulo do que o das trombetas.

Acreditava-se que a batalha se verificaria no próprio domingo, dia 3 de agosto, mas transferiram-na para o dia seguinte, 4. Foi aconselhado a D. Sebastião e a Moâmede que procurassem empenhar o combate à tardinha, ao crepúsculo, porque os alarves prometeram bandear-se para seu lado, e abandonar **Amélique**, o que não se realizou.

As forças mouras apoiavam-se à esquerda, sobre a margem do Alcácer, que lhe servia de defesa. D. Sebastião, seguro como estava do socorro e da fuga de toda a vanguarda de Amélique para o seu lado, inteiramente composta de alarves, aguardava tranqüilo **que a sombra da noite encobrisse a traição.**

Era uma vasta planície de mais de duas léguas, onde não havia nem árvore nem pedra.

Todos os **besteiros** montavam os cavalos tirados aos **alarves**, formando nas **duas extremidades do crescente, próximas da vanguarda portuguesa; foram num instante, destroçados e varridos pela artilharia.**

Vamos fazer uma referência breve sobre os possíveis motivos dessa sensacional vitória, pois os elementos que nos oferece a descrição, autoriza-nos a tecer um comentário, mesmo à carência de conhecimentos de **Estratégia.**

Inicialmente diremos que houve fusão de dois acontecimentos distintos: a **escaramuça**, em 13 de julho de 1578 e a batalha em 4 de agosto de 1578.

A escaramuça verificou-se por um reconhecimento acidental das forças portuguesas: no dia 24 de junho D. Sebastião partiu de Lisboa. Era terça-feira. No dia seguinte, 25, estavam em Lagos, onde ficaram quatro dias, embarcando o **terço** de Francisco de Távora.

A 29 chegaram a Cadis. Ficaram uma semana. Houve festas oferecidas pelo Duque de Medina Sidonia. Veio da parte de **Amélique** o corso **Andrieto Gasparo** propor pazes. No dia 6 de julho chegou a Tanger. O grosso da tropa partiu para Arzila. Aí o rei encontrou-se com **Moâmede**, o sobrinho despojado do trono. No dia 10 de julho o rei D. Sebastião chegou a Arzila. Soube que havia guerra civil (idêntica a dos incas com Ataualpa) Arzila era a favor de Moâmede e entregam-se ao Governo de Tanger.

Em Arzila começa a preparação da campanha que levou dezoito dias.

Foi nessa permanência que no dia 13 de julho verificou-se a escaramuça que deu a vitória **espetacular e enganadora a D. Sebastião.**

Este nosso comentário pessoal com os dados de Oliveira Martins, procura distinguir a batalha da **escaramuça.**

Uma vez que chegamos a este ponto queremos ir além.

O reconhecimento feito por **D. Álvaro Peres** das forças de **Curco Abraim** teria sido motivado por erro deste Capitaão de **Amélique.** É que as forças do referido capitão **seguiam em ordem de batalha** — formando um semicírculo; — ao invés de virem ocultas, marchavam ao som de **pífanos e tambores,** provavelmente por não saberem da presença do exército inimigo.

Na frente, nas pontas da **pinça,** acolhiam-se os **besteiros.**

Ora a **besta** ou **balhestra** deveria ser uma arma de pouca valia para enfrentar uma força organizada. Atirava setas. Setas incendiárias, pedras. Era uma **catupulta.** Tratando-se da grande **besta** usada pelos romanos, era arama para bater ângulos mortos. De difícil e demorado manejo, e que **não podia enfrentar uma lança.** Portanto, se eles, os **besteiros,** faziam a ponta da pinça moura, seria, a nosso ver, um erro de tática bélica. E esse erro se evidencia no terror que as desconhecidas pistolas alemãs infundiram às forças de Amélique, que debandaram — **verdadeiro estouro da boiada.**

Os outros Alarves já pretendiam debandar, mas vendo a firmeza dos demais batalhões e esquadrões foram forçados a manter-se dentro da sua **passividade não agressiva.**

E isso era mais destacado porque o irmão de **Amélique**, Mulei Hamete, os vigiava de perto.

Não se pode seguir, nessa apreciação, um caminho absolutamente seguro porque os fatos de um acontecimento penetram o outro, e então, já não permite mais desmembrá-los. Não se sabe, nesse ponto, o que pertence à **escaramuça** e o que pertence à **batalha**.

O erro chama atenção porque depois de descrita a batalha é que vem a escaramuça. Essa lógica do absurdo já notamos numa outra citação nossa, acidentalmente, o que denota a inexistência de uma análise dos autores ou de quem quer que seja, à seqüência dos fatos.

O rei de Portugal, o mouro, e também o Moluco, (Amélique) acabaram alí. Os dois primeiros mortos ou afogados, e o terceiro de moléstia na liteira deixando Hamete, seu irmão, como único sucessor, dono da vitória e herdeiro de tudo.

D. Sebatião fez prodígios, mas, esmagado sob o número de inimigos, não podendo mais resistir, amarrou um pano branco no alto de uma lança em sinal de paz (10). Os mouros ignorando o uso, caíram sobre o rei e os que o acompanhavam, acabando por matar a todos.

Foi grande a matança, sobretudo nos que guardavam a bagagem (11), os quais eram tantos ou mais do que o resto do exército.

Alguns iam deitar-se entre os mortos para se salvar. Era triste ver duzentas crianças de peito entre mulheres e rapazes, que tinham vindo em companhia dos maridos e pais, com a idéia de se fixarem na terra. Traziam abundância de correntes e cordas para atar os prisioneiros mouros, quando serviram para os próprios cristãos, dos quais ficaram sete mil cativos, sem contar as duzentas crianças de peito e as oitocentas mulheres e seus outros filhos.

As duas partes do crescente fechavam-se e o quadrado português era um montão de desesperados. Duas horas tinham bastado; quatro ou cinco levaram ainda a consumar a catástrofe — finalisa Oliveira Martins, citando a **Miscelânea**, de Andrada e a **Jornada da África**, de Mendonça.

Não pretendemos que a descrição de Leblanc seja a verdade absoluta. O que se torna inegável é que foi um acontecimento de grandes proporções

para o tempo, onde não havia da parte do rei português, **coordenação, planejamento, concurso militar rigoroso**, porém, erro do começo ao fim, erro que a História Universal registra, onde a crença na **invencibilidade** se destacava. **A infantilidade, a vaidade, a inépcia, deu a alguns minutos de triunfo séculos de incerteza.**

E junte-se depois, à seqüência desses fatos históricos, a atitude de um dos cinco pretendentes ao trono, D. Antonio Prior do Crato, que arrastou consigo dezenas de estudantes. Uns ao patíbulo e outros à prisão, como anota Camilo no seu livro **Mosaico e Silva.**

A magnitude do assunto, o aspecto de plena curiosidade até o absurdo, não permite que possamos sintetizar com palavras nossas as descrições, in totum. Por isso, quase todo o texto se compõe, ora de elementos do próprio Leblanc, ora de outros testemunhos, e às vezes, de Oliveira Martins.

Isso não desmerece em si o que se pretende mostrar no seu realismo de violência; uma catástrofe provocada pelo homem na sua teimosia inconcebível de dominar pela força o próprio homem.

D. Sebastião foi um espírito de vida breve, profundamente contraditório: de um lado a disciplina religiosa, que bem meditado, lhe envolveu as ações de sua figura introspectiva; de outro, a exibição, a brutalidade, a força hercúlea, as situações episódicas de introvertido. **O cavalo era a arma de todas as suas batalhas.**

Dominava o animal à força. A espora que usava era de ponta de ferro. Gostava de equitação além da medida, do seu **ginete circense**, e toda vez que se lhe oferecia oportunidade de exibir-se ele aproveitava-o ao exagero, palavra que os contemporâneos mudaram para **extremo** . . .

Em 1559 aparecia em Portugal o embaixador **Jean Nicot**, tão jovem quanto el rei. Vendo-o ao jantar, ficou entusiasmado com os seus belos traços, tão lindos como os de sua mãe.

Na segunda carta para França comunicou ao soberano que D. Sebastião fora atacado de sarampo.

Para ser sangrado exigia, como as **crianças de poucos** anos, que lhe pagasse vinte mil reais (14), que iria distribuir entre seus **petits costéliers,**

ou seja seus pequenos cuteleiros (cutliês), os moços trinchantes que lhe cortavam as viandas. E de fato, diz Nicot, distribuiu . . .

Alexandre Herculano encontrou o manuscrito que descreve a embaixada de Pio V, cujo **Legado** era o sobrinho do papa, de nome **Miguel Bonelli**. Vinha junto, como membro da comitiva, **João Batista Venturini**, que foi, por assim dizer, o cronista da embaixada, ou melhor, o **repórter abelhudo** que não poupou D. Sebastião, inclusive para nos dar um quadro magistral e episódico . . .

"O soberano comia depressa e com a cabeça baixa. Um pagem atrás da cadeira sustinha-lhe a espada. Dez outros pagens estavam de joelhos. Apesar de lhe assistirem muitos fidalgos, nunca lhes disse palavra, nem olhou para nenhum — levantando-se da mesa retirou-se para sua câmara com passes velozes".

O Legado comia numa mesa. O rei noutra.

Um dos mais curiosos aventureiros relata episódios ocorridos na semana que D. Sebastião passou em Cadis, a caminho de Alcácer-Kibir, de 29 de junho a 5 de julho de 1578.

O Licenciado Pedro Ordonez de Cebalos, foi alferes real nas galeras espanholas; capitão dos índios **cimarones** em **Cartagena de las Indias**, na Colômbia; chegou a ser governador, nas mesmas Índias Ocidentais, e afinal se declara **cunónigo de la Iglesia de Astorga, natural da insigne Ciudad de Jaen.**

Preso por piratas de Argel mais tarde foi solto do cativeiro.

Quando D. Sebastião chegou em Cadis ele apresentou-se.

Escreve Ordonez em suas **Memórias:**

Os portugueses diziam que ganhar a África tinham por jornada mui segura e certa, por isso saíram dos castelhanos mais de 3.000 homens, e entre estes minha Companhia.

Vi ali em Cadiz, feitos grandiosos desse famoso rei D. Sebastião, de força inacreditável . . .

Um dia tomou parte numa corrida entre o povo em uma rua, em seguida passou a mão na rabiça de um arado, levantou o cavalo entre as pernas, e com grande força desencaixou o arado, que caiu sobre ele; e se não viesse gente acudir sucederia uma desgraça.

Outra vez correu na praça, e no pilar que está no meio das casas do Cabido, investia o cavalo com tamanha força, que o animal batendo com a testeira no pilar caiu morto, e ele, rei, teve necessidade de breve socorro.

Deram-lhe outro cavalo, escaramuçou com grande galhardia, porque era extremo de natureza posto a cavalo; gentilhomem, robusto, valentíssimo, e sobretudo um grande cristão e caridoso.

A morte de D. Sebastião, ocorrida depois da sangrenta batalha, fora mesmo do campo da luta, constituía, já naqueles momentos angustiantes, a grande dúvida. Essa incerteza favoreceu uma série de boatos, dentro de Alcácer-Kibir, a ponto de Leblanc, que estava entre os mouros de Abde Amélique, afirmar ter ouvido dizer, entre portugueses, que o corpo que ele via naquele momento era de um suíço.

Outros diziam haver o rei fugido num cavalo, que Jorge de Albuquerque donatário de Pernambuco, lhe ofereceu. Esta afirmativa também vem reproduzida no poema atribuído à Bento Teixeira, **Prosopopéia**(12).

Entretanto, pelos pormenores do franciscano Frei Bernardo da Cruz, capelão-mór da armada que levou o rei à África, na Cronica del rei D. Sebastião, poder-se-á admitir como a informação mais próxima da verdade, a sua. Graças a Alexandre Herculano hoje podemos vê-los na plenitude da sua fiel descrição. Foi ele quem descobriu os inéditos de Frei Bernardo.

. . . El rei não esperou por Cristóvão de Távora.

Acompanhado de Luiz de Brito com outros poucos de cavalo, se meteu por um tropel de mouros a cavalo, os quais arremetendo a el rei com grande ímpeto, o cercaram por todas as partes.

Pegaram dele, e do braço da espada, sem lha poderem tomar da mão.

Luiz de Brito **mais desejava que el rei se deixasse cativar do que ser morto.**

Com a resistência, chegando dos inimigos com o desejo de ser seu companheiro, meteu a espada na bainha; resistiu el rei com muita força para se desviar dos bárbaros que o tinham liado (amarrado).

Quando Luiz de Brito viu que o maltratavam levantou a espada, e atirando alguns golpes fez afastar o inimigo e soltar el rei de suas mãos, onde parece que se cumpriu o prognóstico que o rei, muitas vezes zombando, dizia que tinha: **que havia de ser cativo por um breve tempo.**

El rei, tanto que se viu livre das mãos daqueles pagãos, **deu a andar para detrás (de costas) e se foi saindo do campo de batalha.**

Luiz de Brito, que então ficou preso pelos inimigos, sendo cercado de muitos, lhe pegaram do **estandarte (bandeira) que trazia cingido; e para lho tirarem foi forçado a estender o braço em que levava enrolado, o qual foi depois comprado em Fez** pelos portugueses da mão de um mouro, que andava vendendo; e veio ter ao tesouro del rei, onde está.

Luiz de Brito voltando os olhos para o caminho que el rei tomara, o via um pedaço desviado (desorientado), já sem haver mouro algum que o seguisse, nem apareceram outros diante que tão prestes o podessem encontrar, para lhe impedir o caminho que levava, que era mui distante do lugar onde depois dizem que o acharam morto (13).

NOTAS

(1) **Pierre Bergeron:** — este autor se preocupava em recuperar todos os trabalhos históricos sôbre a África e os franceses. O visconde de Santarém na Prioridade dos Descobrimentos portuguêses cita uma relação impressa em Paris em 1630, por Bergeron sob o título: **História da Primeira descoberta e conquista das Canarias feita desde o ano de 1402 por monsenhor Jean Bittencourt escrita na época, por Pierre Boutier e Jean la Verrier etc.** (Pág. 160).

(2) **Cervantes:** — Entre os cativos desses tempos sombrios e inexplicáveis celebrou-se Cervantes, o imortal autor de D. Quixote de la Mancha, que fôra aprisionado pelos piratas turcos quando regressava, mutilado e ferido, da batalha de Lepanto, e que narra esse episódio no segundo volume de sua obra imortal. **(Tte. Cel. Pedro Costa Leite — África do Norte, pág. 57).**

(3) **Bubão:** — ingua. Tumefação do ganglio linfático, especialmente na virilha. Cognato Bubônica. **(Dicionário de têrmos médicos — Pedro A. Pinto,** pág. 83).

(4) Todos os detalhes são de Leblanc.

(5) Leblanc.

(6) **Oliveira Martins** corrige a informação de Leblanc afirmando que não eram **árabes** e sim **alarves.** Em uma de suas primeiras obras, que supomos denominar-se **História da Civilização,** por ter perdido a página de rosto, nos apresenta um quadro magistral, **contrário** ao que diz sobre Leblanc, identificando o **árabe** e o **alarve** pela cor do turbante. Como se sabe, o turbante para o **muçulmano** é o **sine qua non** da sua profissão de fé. Na India sob domínio inglês o militar indiano de alta patente, exigiu que o **Kep** fosse para ele, de origem **muçulmana, substituido pelo turbante.** Apesar da severidade do inglês, este acedeu: **Vagueia o alarve, astuto entre as féras, cruel contra os marcadores, vivendo da rapina.** Se o leão ruge no silêncio do deserto, o **alarve,** a cavalo sempre, com a barba espessa, a cabeça rapada, a tez negra, a ossatura saliente, os olhos negros fuzilando encovados, sôbre a pele a ampla túnica branca, sôbre a túnica a samarra de peles, na cabeça o turbante negro, na mão a lança, na sela o arco, as flechas, o alfange e a maça de ferro, — o alarve está sempre armado. Hospitaleiro em casa, ladrão no campo, falando parece combater. **"É que a fala lhe sae do íntimo das entranhas".** Seria algum dos beni-Kelb, que falando com que ladram, o que ao nosso viajante serviu de rato? **Quando não é alarve,** salteador de caravanas, o árabe pastoreia nas montanhas as cabras e carneiros, agriculturando os humus dos férteis vales; veste uma cabaia ou túnica branca, de garganta ao bico dos pés, **e na cabeça põe um turbante vermelho.** (págs. 104 e 105).

Numa obra póstuma nunca se póde fazer um julgamento decisivo. Muitas vêzes há retoques de mão inábil que criam dúvidas. (Alteramos levemente a pontuação: trata-se de descuido do revisor, ou do copista. Infelizmente não podemos citar a edição por faltar a capa de rosto).

(7) **A fuga de D. Sebastião: — A Prosopopéa, atribuida a Bento Teixeira, afirma a mesma lenda do cavalo, boato que corria na ocasião em Alcácer-Kibir. Como poderia ter chegado a Pernambuco? Em 1594 figurava em Olinda, como Iôco-Tenente de Jorge Coelho de Albuquerque, seu primo, Felipe de Moura. Em Igarassu, morava um dos sobreviventes de Alcácer-Kibir. Chamava-se Nuno de Barros de Loureiro. Era violento. Espancava a espôsa, uma menina de dezoito anos. Encolerizava-se por qualquer cousa. Matára um homem em Portugal. Pretendera assassinar o bispo de Vizeu. O sogro aproveitou a estada do representante do Santo Offício e veio denunciá-lo pelos maus tratos inflingidos à sua filha, de nome Maria. Chamava-se Pero Lopes Albuquerque, natural do Porto, dos nobres e governantes da terra: O genro era homem muito fácil. Arrebatado na cólera. Só em ouvir uma palavra de bom conselho contra sua vontade, de repente e sem motivo, se enche de cólera; rompe nas ditas blasfemias e em outras palavras descortezes. Ele partiu com el rei D. Sebastião e na batalha de Alcácer-Kibir foi prêso e esteve cativo nove anos. Veio fugido do Reino por morte de um homem e por querer matar o bispo de Vizeu, D. Afonso de Noronha etc. (Primeira visitação do Santo Offício às partes do Brasil — Denunciações de Pernambuco, pág. 159).** Eis o informante. Autêntico portador da hoje chamada **neurose de guerra, de que na Bahia ouvimos referência de dois casos idênticos a psicose maníaco-depressiva — onde um dos pacientes regressado da última guerra, pracinha — se deitava nas sarjetas e gritava aos altos brados vozes de bombardeio, — nas horas episódicas do ciclo perturbador.**

(8) **Lansquenete:** — mercenário alemão de lança, a pé. Parece que o vocábulo foi absorvido pela semantica e entrou no Dicionário. Nesse caso apenas o vocábulo é alemão.

(9) **Cometa aparecido no Marrocos:** — Os cometas aparecidos em 1528 e 1577 causaram extraordinário pânico, chegando algumas pessoas, a morrer de medo e julgando muitos que o mundo ia acabar. **(Os Cometas — Mariote — Lelo & Irmão** página 141).

(10) Este episódio referido por Leblanc naturalmente é baseado em informações locais. O que parece verdade é o que foi narrado pelo capelão da armada Frei Bernardo da Cruz: **Cristovão de Távora que tanto desejava este efeito (que D. Sebastião se entregasse) ainda que el rei se persuadia mal, determinou procura-lo para o bem comum, portanto, vendo que uns elches esperavam para que el rei se desse (entregasse) — os quais não o conheciam atou um lenço na ponta da espada, e como bandeira se aproximou dele, dizendo: — Sultão! Sultão! que quer dizer: Rei! Rei! etc. (Frei Bernardo da Cruz — Caldas Aulete, Selecta Nacional,** página 250).

(11) **Pela referência à bagagem se conclue que D. Sebastião não estava no campo de Batalha mas no local da bagagem, das viaturas, no Estado menor.**

(11-A) **A moeda chamada Real** — Um documento em neerlandês, afirma Lúcio de Azevedo em Nova Epanáforas, veio a esclarecer a origem do nome Réis, como

moeda: **Uma casa de Kamps em Lisbóa—1577-1594,** — onde vemos, **hondert myll resen, ou hundert myll rées (100 mil reais)** esclarece. — **Para expressar mais de um Real escrevia-se Rs. ou Réis. Camões recebia a tença anual de quinze mil reais que no tempo em que Lúcio de Azevedo escrevia, tinha o valor de quinze mil réis, portanto, D. Sebastião com a tença que pagava a Camões, pagando com o dinheiro dos seus cutliês sobrava cinco mil reais.** página 83—84.

(12) Referência número 7

(13) **Aqui mais uma vez nos convencemos que el rei não estava no campo de batalha e sim junto às viatùras. Foi morto depois da batalha, quando tudo tinha serenado. Antes não apresentava ferimento algum, conforme a descrição de Frei Bernardo.**

BIBLIOGRAFIA

1) Oliveira Martins — Portugal nos mares (Póstumo) 2o. volume — Guimarães & Cia. — Editores Lisboa 1954

2) Oliveira Martins — História da Civilização (?) — Sem a fôlha de rosto

3) Tte. Cel. Pedro da Costa Leite — África do Norte (Impressões de viagem) — Rio, 1944

4) Visconde de Santarém — Memória sobre a prioridade dos portugueses na Costa d'África Ocidental — Comissão do Centenário do Infante D. Henrique — Lisboa, 1958

5) Eduardo Dias e Rodrigues Caldas — Memórias de Forasteiros — Séculos XII e XVI — Livraria Clássica Editora, 1955

6) Luiz Cadamosto (Aluisi — Século XV) — Viagem — Portugália Editora

7) Torre do Tombo — Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil. Denunciações de Pernambuco — 1593 a 1595 — Editora Eduardo Prado, 1929

8) J. Lúcio de Azevedo — Novas Epanáforas — Livraria Clássica, A. M. Teixeira & Cia. — Lisboa, 1932

9) Camilo Castelo Branco — Mosaico e Silva — Lelo & Irmão Porto

10) Caldas Aulete — Selecta Nacional — Parceria Antonio Maria Pereira, 1932

11) Gustavo Barroso — Segredos e Revelações da História do Brasil — Edições Cruzeiro